


Tecendo memórias: diálogos entre o CDAPH, SIBUSF e políticas de difusão cultural

Weaving memories: dialogues between CDAPH, SIBUSF and cultural diffusion policies

Maria de Fátima Guimarães ¹ 

Thiago Alexandre Hayakawa ² 

Cleonice Aparecida de Souza ³ 

¹ Universidade São Francisco, Bragança Paulista, São Paulo, Brasil. / e-mail: fatima.guimaraes@usf.edu.br

² Universidade São Francisco, Bragança Paulista, São Paulo, Brasil. / e-mail: thiago.hayakawa@usf.edu.br

³ Universidade São Francisco, Bragança Paulista, São Paulo, Brasil. / e-mail: cleonice.souza@usf.edu.br

RESUMO

O artigo apresenta os "Encontros Lugares de Memória" organizados em parceria pelo Centro de Documentação Apoio à Pesquisa em História da Educação (CDAPH) e o Sistema de Bibliotecas (SIBUSF), ambos da Universidade São Francisco, e a Secretaria Municipal de Cultura de Bragança Paulista. Os Encontros tiveram por objetivo destacar a importância dos acervos locais para a história e a educação. Os eventos trataram das diferentes unidades informacionais: arquivos, museus, centros de documentação e bibliotecas existentes no município, bem como das potencialidades da difusão cultural, ressaltando-se a importância do diálogo contínuo e do envolvimento da comunidade na preservação da memória e promoção da educação patrimonial. Salientou-se que o formato híbrido do II Encontro demonstrou a capacidade de envolver um público diversificado e estimular discussões significativas sobre esses temas.

PALAVRAS-CHAVE: Difusão cultural. Unidade de informação. Patrimônio. Acervo

1 Coordenadora do Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa em História da Educação (CDAPH) da USF, professora adjunta e líder do Grupo de Pesquisa Grupo RASTROS: História, memória e Educação (dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/53926)

2 Vice-reitor da Universidade São Francisco (USF), coordenador do Núcleo de Extensão Universitária (NEXT) e doutor em Educação. Pesquisador da Linha de Pesquisa Rastros: patrimônio cultural franciscano e educação, do Grupo de Pesquisa Grupo RASTROS: História, memória e Educação (dgp.cnpq.br/dgp/espelholinha/4940292989139124806382)

3 Coordenadora do SIBUSF e do curso de graduação em Biblioteconomia da USF, doutora em Educação. Pesquisadora da Linha de Pesquisa Rastros: patrimônio cultural franciscano e educação, do Grupo de Pesquisa Grupo RASTROS: História, memória e Educação (dgp.cnpq.br/dgp/espelholinha/4940292989139124806382)

ABSTRACT

The article presents the "Memory Places Meetings" organized in partnership by the Center for Documentation and Support for Research in the History of Education (CDAPH) and the Library System (SIBUSF), both from the University of São Francisco, and the Municipal Secretariat of Culture of Bragança Paulista. The purpose of the Meetings was to highlight the importance of local collections for history and education. The events addressed the different information units: archives, museums, documentation centers, and libraries existing in the municipality, as well as the potential for cultural dissemination, emphasizing the importance of ongoing dialogue and community involvement in the preservation of memory and promotion of heritage education. It was highlighted that the hybrid format of the II Meeting demonstrated the ability to engage a diverse audience and stimulate meaningful discussions on these topics.

KEYWORDS: Cultural diffusion. Information unit. Patrimony. Collection.

Recebido: 12/11/2023 | Publicado: 14/12/2023

1 INTRODUÇÃO

Este artigo entrecruza experiências do diálogo entre o Centro de Documentação Apoio à Pesquisa em História da Educação (CDAPH) e o Sistema de Bibliotecas, ambos da Universidade São Francisco (SIBUSF), no intuito tanto de focalizar uma das iniciativas em parceria implementadas por tais unidades - o “II Encontro Lugares de Memória - Que memórias?”; quanto trazer à luz algumas reflexões mobilizadas na trajetória de delimitação da temática privilegiada neste evento.

Para tanto, organizamos o artigo em duas partes distintas, mas complementares. Na primeira traçamos uma breve retrospectiva histórica desta iniciativa do CDAPH com o SIBUSF em parceria com a Secretaria Municipal de Cultura de Bragança Paulista; na sequência trazemos algumas reflexões que nos mobilizaram no transcorrer da proposição e organização do “II Encontro”; após o que, finalizamos com algumas considerações parciais.

2 Encontros Lugares de Memória: das trajetórias às possibilidades de Ações Culturais Educativas

Em junho de 2006, o CDAPH e o SIBUSF da Universidade São Francisco (USF) em parceria com a Secretaria Municipal de Cultura (SMC) de Bragança Paulista, realizaram o *I Encontro Lugares de Memória*, cujo recorte temático privilegiou “as potencialidades para a História e a Educação” dos acervos de diferentes unidades informacionais locais, a saber - dois museus, uma biblioteca e dois centros de documentação. Esta iniciativa foi pensada na perspectiva de uma ação cultural educativa. O *I Encontro* ocorreu no Museu do Telefone, prédio tombado do município, situado na Praça Raul Leme, área central de Bragança Paulista.

Naquele *evento*, os profissionais do Museu Municipal Oswaldo Russomano, Museu do Telefone, Biblioteca Pública Municipal Dra. Adalzira Bittencourt, Centro de Documentação e Informação da Câmara Municipal, CDAPH e SIBUSF da Universidade São Francisco apresentaram seus respectivos acervos e iniciativas destinadas à organização, acesso e difusão cultural, recorrendo ao uso de imagens e exposição oral.

Na ocasião tivemos a grata surpresa de uma presença massiva ao evento. Tínhamos imaginado que o *I Encontro* aconteceria em apenas uma sala, mas conforme as pessoas foram chegando foi necessário ocuparmos a sala contígua e buscarmos condições alternativas para que todos pudessem assistir as apresentações - a participação expressiva do público repercutiu em

iniciativas futuras do CDAPH e SIBUSF. Na atualidade, tais unidades informacionais continuam a desenvolver suas atividades nos mesmos locais de antes.

Figura 1. Primeiro Cartaz de divulgação

1º Encontro

Lugares de Memória

Potencialidades para História e Educação

21.06.2006, às 19h30
Local: Museu do Telefone
(Praça Raul Leme - Centro - Bragança Paulista)

Uma iniciativa de **educação patrimonial** ancorada em **ações de responsabilidade social**, no que tange à defesa da história, da memória e do patrimônio histórico-cultural de Bragança Paulista

Público-alvo: Comunidade em geral

Entidades participantes:
Museu Municipal Oswaldo Russomano, Museu do Telefone,
Biblioteca Pública Municipal Dra. Adalzira Bittencourt,
Centro de Documentação e Informação da Câmara Municipal,
Centro de Documentação e Apoio a Pesquisa em História da Educação - CDAPH/USF,
Sistema de Bibliotecas - Obras Raras/USF

Participação gratuita, com emissão de certificado
Confirme sua presença:
(11) 4034-8354 (CDAPH/USF)
(11) 4032-3020 (Secretaria de Cultura e Turismo)

Avaliação

UNIVERSIDADE SÃO FRANCISCO
Prefeitura de Bragança Paulista
SIBUSF - Sistema de Bibliotecas - Obras Raras/USF

Fonte: arquivo CDAPH

Havia a expectativa de que o público participante se sentisse estimulado a propor que outras iniciativas destinadas a garantir o acesso e a consulta daqueles acervos viessem a ser realizadas, para além do que havia o desejo de se integrar aquelas unidades informacionais e a comunidade local, através do fortalecimento de um diálogo vigoroso, paritário e democrático, que pudesse vir a garantir a realização em parceria, por exemplo: de mesas redondas; exposições e mostras fotográficas - temáticas e itinerantes; visitas monitoradas organizadas para escolas da educação infantil, fundamental e ensino médio, cursos superiores; promoção de oficinas sobre organização e preservação de acervos; caminhadas de percepção urbana, mapeamento de acervos pessoais, institucionais e públicos de interesse para a memória e história locais, dentre outras possibilidades.

Os idealizadores do *I Encontro*⁴ partiram da premissa que a valorização de tais iniciativas seguia em direção ao fortalecimento do sentimento de pertença, de laços identitários e de solidariedade, o que propiciaria a emergência de projetos coletivos destinados à valorização da memória e história locais. Sendo assim, defendiam que era importante divulgar ações culturais educativas que registravam a necessidade de integração de políticas públicas e acadêmicas destinadas à coleta, organização, acesso de conjuntos documentais de valor histórico e a difusão dos respectivos acervos e iniciativas implementadas.

A promoção daquele *I Encontro* teve o intuito de ampliar a visibilidade e valorização de tais políticas por distintos grupos sociais locais, bem como registrar que a universidade tinha um papel importante e responsabilidade nas iniciativas de valorização de políticas de preservação do patrimônio cultural do município, estreitando tanto o diálogo com a comunidade quanto familiarizando-a com o universo arquivístico, bibliográfico e museológico.

O *I Encontro* foi pensado como uma ação cultural educativa, ancorada nos princípios da educação patrimonial, que registrava uma iniciativa de responsabilidade social, “[...] no que tange à defesa da história, memória e do patrimônio de Bragança Paulista” (Bragança Jornal Diário, 24/06/2006). Na época, a então Editora Universitária São Francisco (EDUSF)⁵ disponibilizou o material apresentado no *I Encontro*.

Em outubro de 2023, no câmpus da USF de Bragança Paulista, realizou-se o *II Encontro Lugares de Memória* promovido pelo CDAPH em parceria com o SIBUSF, com apoio do Núcleo de Extensão Universitária (NEXT) da Universidade São Francisco e em parceria com a Secretaria Municipal de Cultura local. Foi um encontro híbrido, permitiu a participação

⁴ Professores Cleonice Aparecida de Souza, Maria de Fátima Guimarães e Renato Kirchner

⁵ Na ocasião, coordenada pelo prof. Renato Kirchner

presencial e virtual⁶ do público, através da transmissão simultânea no Canal da USF pelo Youtube⁷. Neste *II Encontro* deu-se continuidade aquela iniciativa de 2006. Tal evento também foi pensado como uma ação cultural educativa; mas desta vez, optamos por organizá-lo com um formato diferente. O *II Encontro* dividiu-se em quatro momentos distintos: a apresentação do evento e seus objetivos foi feita por Thiago Alexandre Hayakawa⁸, após o que Cleonice Aparecida de Souza⁹ responsabilizou-se pela moderação do diálogo com o público participante e por mobilizar algumas reflexões acerca da temática privilegiada naquele momento. Estas reflexões antecederam a fala da convidada - a pesquisadora Maria Silvia Duarte Hadler¹⁰ que abordou o tema da “difusão cultural e as potencialidades dos acervos documentais para a educação patrimonial e a história pública”.

Figura 2. Segundo Cartaz de divulgação

II ENCONTRO

LUGARES DE MEMÓRIAS

QUE MEMÓRIAS?

A DIFUSÃO CULTURAL E AS POTENCIALIDADES DOS ACERVOS DOCUMENTAIS PARA A EDUCAÇÃO PATRIMONIAL E A HISTÓRIA PÚBLICA

ABERTURA
THIAGO A. HAYAKAWA, OFM, DR. EM EDUCAÇÃO.
(USF/NEXT)

MODERADORA
CLEONICE A. DE SOUZA DRA. EM EDUCAÇÃO.
(USF/COORD. BIBLIOTECONOMIA/SIBUSF)

CONVIDADA
MARIA SÍLVIA DUARTE HADLER
(DRA. EM EDUCAÇÃO/DIRETORA ASSOCIADA E PESQUISADORA DO CENTRO DE MEMÓRIA-UNICAMP E LÍDER DO GRUPO DE PESQUISA CREDENCIADO PELO CNPQ, 'KAIRÓS: EDUCAÇÃO DAS SENSIBILIDADES, HISTÓRIA E MEMÓRIA')

27 DE OUTUBRO DE 2023, ÀS 19H

SALA WEB 1 CAMPUS BRAGANÇA PAULISTA

Evento presencial e com transmissão no canal da USF no YouTube

Aberto ao público em geral

INSCRIÇÕES: [HTTPS://WWW.USF.EDU.BR/APPS/EVENTOS/INSCICAO/?EVENTO=303922](https://www.usf.edu.br/apps/eventos/inscricao/?evento=303922)

Inscrições

USF | Iniciativa: SIBUSF - CDAPH | APOIO NEXT | PREFEITURA DE BRAGANÇA PAULISTA CULTURA E TURISMO

Fonte: arquivo CDAPH

⁶ Salientamos que desde o final da pandemia da COVID, constatamos que a opção por acolher a possibilidade de uma participação virtual tem-se mostrado bastante salutar porque garante que pessoas de distintos lugares também possam acompanhar e participar dos eventos.

⁷ <https://www.youtube.com/live/zcGadOysozI?si=4CnZxmx0yvFiq3ic>

⁸ Vice-reitor da USF, coordenador do NEXT e doutor em Educação

⁹ Coordenadora do SIBUSF e do curso de graduação em Biblioteconomia da USF, doutora em Educação.

¹⁰ Diretora Associada do Centro de Memória da Unicamp, doutora em Educação, líder do grupo de pesquisa credenciado pelo CNPq, 'Kairós: Educação das Sensibilidades, História e Memória'

3 Algumas reflexões da trajetória do *II Encontro Lugares de Memória: Que memórias?*

O *I e II Encontros* trouxeram no título uma clara referência ao artigo “Entre memória e História: A problemática dos lugares”, de Pierre Nora (1993). Porém, na atualidade há que se reconhecer como propõe Santiago Júnior (2015) que Nora, naquele artigo, chama a atenção que no século XIX, temos uma história-memória, ancorada na ideia de nação. Ideia esta que unifica uma dada comunidade em seu entorno e que inspira a criação de lugares de memórias -, dentre os quais, museus, arquivos, cemitérios, coleções, monumentos etc. (NORA, 1993). Santiago Júnior (2015, p.252) destaca que “[...] tanto sítios materiais como práticas imateriais que de alguma forma permitiam operações mnemônicas. Todos eles [foram] marcados pela vontade de memória, ou seja, por transformarem a operação da rememoração em algo fundamental.”

Estes lugares mobilizaram determinados saberes e práticas que acabaram por viabilizar a institucionalização e capilaridade dos mesmos em uma sociedade urbanizada e industrializada, despojada de uma memória espontânea, engendrando a emergência de uma memória-arquivo. Esta memória constituída e preservada em determinados lugares, garantiriam subsídios para a pesquisa e reconstrução da história passada. Por conseguinte, a memória-arquivo estimulou a emergência de memórias artificiais

Multiplicaram-se inclusive os profissionais que podiam cuidar destas memórias, os homens-memória que trabalhavam nos lugares de memórias (historiadores, arquivistas, museólogos, arqueólogos, bibliotecários, etc.), os quais colocavam em ação uma memória-dever com uma nova individualização do eu e atomização da memória em vários lugares. O resultado final é que o passado, o qual nas sociedades pré-industriais fora visto como continuidade, passará a ser produzido como “outro”. (Santiago Júnior, 2015, p. 252)

“Outro” que acaba por se localizar e materializar em determinados espaços institucionais - as unidades de informação. Estas, por conseguinte, passam a ser pensadas como “lugares” responsáveis pela tutela da memória social. E, tal possibilidade nos provocou e ainda provoca salutarmente a tensionar este “outro” - passível de localização, organização e acesso nestes distintos lugares de memória, desconfiando de uma pretensa imparcialidade que alguns advogam em nome de uma técnica que seria absolutamente neutra (Thompson, 19..).

No *II Encontro Lugares de Memória* acrescentamos ao título a pergunta: *Que memórias?* com vistas a registrar que tomamos tais lugares – como *loci* atravessados por tensões sociais, disputas simbólicas e conflitos de interesses, passíveis de serem flagrados e contextualizados.

Nesta perspectiva, fomos ao encontro de tais lugares buscando dessacralizá-los, enquanto *loci* marcados pelo reconhecimento e valorização sociais porque - possivelmente, para alguns desavisados - eles seriam responsáveis pela guarda e preservação de bens culturais de inegável valor para a humanidade como um todo, isentos de intencionalidades, práticas excludentes, relações de poder, interesses políticos e econômicos etc.

Nesta direção, seguimos ao encontro de Bosi (2003, p. 15) quando ela nos chama a atenção que

A memória oral é um instrumento precioso se desejamos constituir a crônica do cotidiano. Mas ela sempre corre o risco de cair numa 'ideologização' da história do cotidiano, como se esta fosse o avesso oculto da história política hegemônica [...] Os velhos, as mulheres, os negros, os trabalhadores manuais, camadas da população excluídas da história ensinada na escola, tomam a palavra. A história, que se apoia unicamente em documentos oficiais, não pode dar conta das paixões individuais que se escondem atrás dos episódios [...].

Se, por um lado a autora nos convoca a extrapolar a possibilidade de uma ideologização da memória - passível de ocorrer para além da memória oral, quando lidamos com a memória social registrada em diferentes suportes, por exemplo: manuscritos, impressos, iconográficos, sonoros, audiovisuais, cerâmicas, esculturas etc.; por outro, ela nos convoca a compreensão que a memória é seletiva, parcial e datada (Guimarães, 2013; Hayakawa, 2023; Souza, 2012). Bosi (2003) nos provoca a romper com a ingenuidade de uma memória única, inquestionável e, como que pasteurizada, linear e absoluta, posto que esta exclui de seus horizontes a pluralidade de vozes de diferentes grupos tanto quanto as tensões sociais, as disputas simbólicas e conflitos de interesses que a mobilizam e a atravessam - logo, a memória social é plural.

A par destas ideias de Bosi endossamos que “longe da unilateralidade para a qual tendem certas instituições, [é necessário] fazer intervir pontos de vista contraditórios, pelo menos distintos” (Bosi, 2003, p.15) quando se trata de trabalharmos com a memória. E, neste procedimento residem as potencialidades dos acervos acolhidos e preservados por arquivos, museus, bibliotecas e centros de documentação, unidades informacionais que podem ser tomados como “lugares de memórias” - e, aí está um dos motes da pergunta que mobilizou o “II Encontro” - Que memórias?.

Sendo assim, a pergunta “Que memórias”? assinala que, quando nos reportamos ao que é da esfera da memória na interface com o social e grupos minoritários, temos a pretensão de problematizar as políticas públicas, iniciativas privadas, procedimentos técnicos e dinâmicas de difusão cultural que criaram e institucionalizaram tais “lugares de memória”, bem como a relação de inclusão de alguns bens, saberes e práticas sociais no rol daquilo que é considerado digno de menção, valorização e preservação em detrimento de outros que tendem a ser

excluídos, esquecidos e até mesmo se destruídos - seja pelo descaso e omissão, seja pelo descarte indevido.

É preciso refletir sobre que memórias foram e são privilegiadas em nestes lugares - é preciso reconhecer que algumas memórias foram negligenciadas, silenciadas e apagadas. É urgente nos sensibilizarmos e dialogarmos com os grupos sociais que tiveram suas memórias desvalorizadas, promovendo o acolhimento de outras vozes, outros sujeitos da história, para além dos grupos hegemônicos que tenderam a ter suas memórias sacralizadas, quase que com exclusividade em tais lugares. O *II Encontro lugares de memórias - Que memórias?* inscreve-se nesta perspectiva!

Ao reportarmo-nos às diferentes unidades informacionais: arquivos, museus, centros de documentação e bibliotecas; acolhido o desafio de reconhecermos que os acervos destas entidades são atravessados pelas tensões sociais, disputas simbólicas e conflitos de interesses, optamos por lançar um olhar sensível e matizado pela amorosidade e dialogicidade freireanas para o mundo – para as pessoas situadas no espaço e no tempo, seus saberes e práticas cotidianas, para as relações sociais que garantem a produção e reprodução das condições necessárias à vida. Entendemos que esse olhar atenta para a diversidade e provisoriade inerentes ao que é da esfera do humano (Freire, 2003). Este olhar nos estimulou a destacar quatro aspectos do *II Encontro lugares de memórias - Que memórias?*.

O primeiro aspecto é que a difusão cultural pressupõe tanto iniciativas que garantam a democratização de acesso aos bens culturais em seus diferentes suportes, formas e origens, localizados em arquivos, museus, bibliotecas e centros de documentação, quanto a formação - através de ações educativas culturais - de um público oriundo de grupos sociais distintos, marcados pela “diversidade” de valores e manifestações culturais, da mesma maneira que por condições de vida distintas, e algumas vezes, adversas.

O segundo aspecto é que esse público, por sua vez, é plural e multifacetado, marcado pela diversidade de experiências e repertórios e sensibilidades, inscritas em seus corpos que se desvelam em suas corporeidades (Guimarães, 2013; Baptista, 2023). Este público demanda das unidades de informação acolhimento, ações e subsídios distintos, por vezes, contraditórios relativos ao conhecimento, reconhecimento e valorização de bens culturais. Contudo, nem sempre fica claro para tal público as marcas das tensões sociais, disputas simbólicas e conflitos de interesses envolvidos na produção, gestão e disseminação de bens culturais, identificados por terem valor histórico e social. Existem intencionalidades, valores e relações de poder que orientam a escolha destes bens que receberão procedimentos técnicos de identificação,

organização e conservação, assim como a garantia de salvaguarda legal, preservação e acesso aos mesmos. Chama-nos a atenção que amiúde tais procedimentos são escanteados para a esfera tão somente do que seria técnico, por conseguinte, para um público desavisado das intencionalidades, tensões sociais, disputas simbólicas e conflitos de interesses. Como se qualquer procedimento técnico não fosse fruto de uma produção e práticas sociais, logo isenta das marcas de relações sociais contraditórias, como sinalizamos anteriormente.

O terceiro aspecto é que é na demanda social de acolhimento, ações e subsídios distintos pelo público que se inscreve um dos motivos que dá origem à existência e continuidade de arquivos, museus, centros de memória e biblioteca, enquanto unidades informacionais. Estas, na condição de instituições sociais, também são reconhecidas como lugares com poder e legitimidade para identificar quais são os bens que podem ser identificados como dignos de serem valorizados como bens culturais, salvaguardá-los e garantir a difusão cultural das memórias, conhecimentos e valores que estes bens registram. Esta demanda social sugere uma dada educação patrimonial, sensibilidades e formas de sociabilidades - que podem tender a rejeitar de suas esferas, ações e dinâmicas que contemplem a diversidade cultural.

Cabe aqui esclarecermos que ao nos reportarmos a educação patrimonial nos preocupamos em tensionar uma dada compreensão que toma o patrimônio cultural apenas em sua materialidade, palpável e visível. Esta compreensão se constituiu, sobretudo, em fins do século XVIII e no transcorrer do século XIX, até meados do século XX - é contemporânea da emergência das mudanças sociais advindas da Revolução Francesa, do avanço do capitalismo, da urbanização das cidades e da escolarização crescente da população - que implicará na desvalorização da oralidade e dos saberes e práticas transmitidos através dela; situamos estes aspectos dentre outros que fomentaram a ampliação dos direitos políticos, por conseguinte do exercício da cidadania, “[...] foram os artefatos e ruínas herdados da aristocracia clerical, militar, masculina e eurocêntrica que serviram para formular as ideias de nação como corpo espiritual laico do mundo capitalista europeu.” (Santiago Júnior, 2015, p. 259). E, sob tal perspectiva, muitas vezes, estas heranças e ideias se explicitam na política de formação de acervos das distintas unidades de informação.

Na contemporaneidade, quando tratamos de educação patrimonial atentamos sensivelmente aos valores de uso plurais que são atribuídos ao patrimônio cultural, por diferentes grupos sociais. Acreditamos que o patrimônio cultural, os bens e as manifestações culturais acolhem memórias e mobilizam saberes e práticas plurais, bem como trazem marcas da passagem do tempo. Estas, por sua vez, podem propiciar vínculos com um passado que pode ser compartilhado individual

ou coletivamente, mediante a elaboração de narrativas históricas que podem tomar o patrimônio como um índice.

Mas, na atualidade, é necessário atentar sensivelmente para as dinâmicas sociais e relações de poder imbricadas na elaboração de tais narrativas - um mesmo patrimônio cultural pode ser tomado como índice de memórias em disputa, que podem carrear apropriações, usos - políticos, religiosos, comerciais, turísticos etc.- e significações distintas e, até mesmo, contraditórias. Grupos sociais distintos podem compreender o patrimônio, os bens e manifestações culturais tanto como heranças de tempos passados quanto vínculos que atestam uma relação de pertencimento (Santiago Junior, 2015, p. 262).

O quarto aspecto é relativo aos profissionais que atuam em unidades de informação. No esteio das reflexões e posições assumidas acima, ressaltamos que, em uma sociedade globalizada, em que a inteligência artificial e a automação são uma realidade, aqueles que atuam em distintas unidades informacionais garantindo a produção, gestão, preservação e difusão cultural, precisam atentar para as tensões sociais, disputas simbólicas e conflitos de interesses que dão matizes singulares ao trabalho junto aos acervos de suas instituições origem. Estes profissionais atuam, em sua grande maioria, em equipes multiprofissionais com uma visão interdisciplinar do conhecimento, é preciso que eles reconheçam tanto a importância da inovação tecnológica sustentável quanto da urgência que temos de respeitar a diversidade cultural e seguirmos ao encontro das demandas dos grupos sociais minoritários. Esta postura ética e comprometida os diferenciarão frente à algumas questões que mobilizam a sociedade brasileira, no que tange ao desenvolvimento da ciência e tecnologia e na relação do enfrentamento de alguns problemas nacionais, dentre os quais: a violência, a exclusão social, a pobreza, o racismo, a homofobia, a misoginia etc., para além do que os incentivará a explorar as potencialidades da difusão cultural de acervos documentais distintos na interface com a educação patrimonial e a história pública.

4 Algumas considerações parciais

Finalizando, acreditamos que nossas colocações, por si só, registram a legitimidade do *II Encontro Lugares de Memória: que memórias?*, estimulando-nos a diálogos futuros acerca da difusão cultural e as potencialidades dos acervos documentais para a educação patrimonial e a história pública. Contudo, registramos para além disso que, a opção pelo formato híbrido

garantiu a participação de um público oriundo de diferentes estados brasileiros que participou ativamente através do envio de questões pelo chat.

REFERÊNCIAS

BAPTISTA, Wesley. **Letramento urbano e educação das sensibilidades**: reflexões sobre leituras da cidade e a constituição de territorialidades. Itatiba, SP: Tese (doutorado) PPGSS em Educação da Universidade São Francisco, 2023.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória**: ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

FREIRE, Paulo; HORTON, Myles. **O caminho se faz caminhando**: conversas sobre educação e mudança social. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

HAYAKAWA, Thiago Alexandre. **Educação Superior Franciscana e a Extensão na Universidade São Francisco (1976-2021)**. Itatiba, SP: Tese (doutorado) PPGSS em Educação da Universidade São Francisco, 2023.

GUIMARÃES, Maria de Fátima. **Corpo e cidade**: sensibilidades, memórias e histórias. 1. ed. Jundiaí: Paco Editorial, 2013

NORA, P., & Aun Houry, T. Y. (2012). Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História: Revista Do Programa De Estudos Pós-Graduados De História*, 10. Recuperado de <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101>

SANTIAGO JÚNIOR, F. das C. F.. Dos lugares de memória ao patrimônio: emergência e transformação da 'problemática dos lugares'. *Projeto História: Revista Do Programa De Estudos Pós-Graduados De História*, 2015 (52). Recuperado de <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/21370>

SOUZA, Cleonice Aparecida de. **Biblioteca do Instituto Franciscano de Antropologia**: histórias e memória. Campinas, SP: Tese (doutorado) PPGSS em Educação da Universidade Estadual de Campinas, 2012.

THOMPSON, Edward Palmer. **Costumes em comum**: estudos sobre a cultura popular. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.